

confusão de suas ideias de sua posição pessoal, não pôde deixar de exclamar com uma voz cheia de amor e emoção: — O' meu Eduardo, Deus vos proteja e defenda! — Que ouvi! disse elle com uma expressão de indefinível alegria. Oh! aconteça o que acontecer, agora que vós... — Queim! eu! que disse? interrompeu lord Wexford. Ella apenas tinha força para pronunciar incoherentes palavras: E'... oh! parti, parti, Eduardo...

Já não estava em seu poder conter por mais tempo seus sentimentos; ella se havia trahido; força sobre-humana a arrastava; saiu da carroagem e caiu quasi sem sentidos nos braços de seu amante.

Impossível tornou-se a partida. Os suspiros e os soluços de Maria feriam os ouvidos e o coração de Eduardo. Não viu mais do que esse bello rosto de mulher cujos bellos cabellos fluctuavam pelo seio; nada mais sentiu do que as pulsações do coração de Maria de encontro ao seu. Eduardo beijou-lhe as faces, e não pôde reter suas lagrimas que se misturaram com as lagrimas de sua amante. Os White-Boys que estavam presentes á esta scena tocante não poderam sensenhores de si e choraram tambem. Estes ferozes inimigos que não esperavam sinão um signal de seu chefe para devastar e matar, mostraram que tinham uma alma, e que seus olhos tambem continham lagrimas.

Eduardo levantou Maria, que acabrinhada por sua dôr é confusão, fazia esforços para evitar todas as vistas; deu-lhe a mão para leval-a para fora d'este logar, por já ser inutil a carroagem. Maria não fez resistencia alguma. Toda sua resolução o havia abandonado, e quando a reconduziu a seu quarto, exforçou-se para fazer calar fadas as suas emoções. Essa voz querida não tardou a acalmar-lhe o espirito, e ella ouviu sem colera as expressões de sua ternura; palpitando, não se sentiu com forças para repeñi-lo, quando Eduardo lhe cobria as mãos de ardentes beijos. Em sua fraqueza não peusou em oppôr resistencia, esqueceu tudo por Eduardo, e amou com amor terno, cego, insensato, com esse amor ao qual as mulheres sacrificam tudo, pelo qual desapparecem d'este mundo receios, perigos, passado e futuro.

Desde esse momento perdeu para sempre a paz de sua alma. O combate, que os Irlandeses esperavam por aquelles dias, não teve logar sinão quinze dias depois em consequencia das habeis manobras de seu jovem commandante. As tropas reaes bateram os insurgidos, derrotaram-os completamente, e a mor parte dos chefes ficaram prisioneiros. D'este numero era o desgraçado Eduardo, que ferido depois de ter feito prodigios de valor, caiu sem sentidos e foi tirado vivo do meio d'un montão de cadaveres.

Falemos agora do que aconteceu um mez depois. Os magistrados do condado estavam reunidos no castello de lord Wexford para julgar os rebeldes prisioneiros. Lord Wexford presidia e tinha a seu lado

dous outros magistrados. Na extremidade da salla estavam seis soldados armados, e o official de justiça estava perto da porta, como um homem que espera uma ordem.

— Introduzi os prisioneiros, disse o conde de Wexford.

Então entraram oito na salla; á sua frente estava sir Eduardo. Um dos magistrados fez os interrogatorios, porém por mais que fizesse, não pôde conseguir dos quatro prisioneiros que interrogou primeiramente resposta directa a suas questões; e deu-se ordem para fusilá-los imediatamente.

Os dous outros prisioneiros que foram interrogados depois, tendo dado respostas mais satisfactorias, ficou o seu julgamento adiado para a proxima reuniao do tribunal.

Não restava mais que sir Eduardo que devia ser julgado por ultimo, e um outro prisioneiro, que parecia ter apenas dez-e-seis annos; com o rosto inclinado para o chão, banhado em lagrimas, e timido atrahiu as vistas de todo o auditorio e tocava todos os corações. Era todavia muito difícil distinguir-lhe o rosto, por o ter quasi coberto com um grande chapeo.

Quando chegou a sua vez de ser interrogado, Sir Eduardo tomou a palavra e explicou que este pobre moço era filho d'un dos rendeiros de seu pae, que, juntando-se aos insurgidos, só lhe tinha obedecido, e que por consequencia devia ser julgado inocente. Os magistrados compadecendo-se de sua mocidade assim o fizaram, e o jovem prisioneiro se retirou para um canto da salla, escondendo o rosto em suas mãos, derramando abundantes lagrimas, e deixando escapar suspiros e gemidos.

Chegou enfim a vez de sir Eduardo. Sem responder a todas as perguntas, confessou os factos comprehensivos no auto da accusação, mas recusou ver n'elles culpabilidade, e a unica graça que pediu foi que sua morte se seguisse logo a sua condemnação. Seus votos iam sef satisfetos. — Levae esse homiem, e seja fusilado em cinco minutos, — disse lord Wexford.

Eduardo dirigindo-se então com passos firmes para o fundo da salla, tirou de seu peito um lenço branco, levou-o aos labios com emoção, e depois atirou-o com um riso melancolico ao jovem prisioneiro que, apesar de absolvido, não cessava de chorar e soluçar. Mas logo que teve o lenço em suas mãos, suffocou seus suspiros e seus gemidos, e seus olhos repentinamente cheios de fogo tomaram uma extraña expressão. Depois vendo Eduardo de joelhos com a mão nos olhos, e as espingardas que se abaixavam e dirigiam para a victimá, poz-se a esperar e a ouvir. Seu rosto estava lavado em suor, seus dentes rangiam com força, e foi facil ver que fazia violentos esforços para fazer callar a desordem e as angustias de sua alma. Eduardo pronunciou pela derradeira vez estas ultimas palavras: — Adeus, Maria, adeus. — Immediatamente foi dado o signal de morte; ao mesmo tempo se ouviu um grito cruel;

o jovem prisioneiro se precipita para Eduar-

do, apertou-o em seys braços, e ambos cahem ao mesmo tempo banhados em seu sangue, com a cabeça despedaçada pelas mesmas ballas.

As testemunhas d'este horroroso espetáculo mudas de espanto, fixavam machinalmente os olhos nos corpos dos dous justicados, que jaziam mortos. Lord Wexford percebendo na mão do jovem prisioneiro um lenço que ele parecia ainda apertar por uma contracção nervosa, se abaixou para apanhá-lo. De repente sua physionomia se decompoz; em um dos cantos do lenço viu um nome muito amado e muito conhecido. Faz esforço por ser senhor das sensações que o assaltam, procura pôr de novo o lenço na mão donde o tirou, grande Deus! como é macia, branda e delicada essa mão! O conde levanta a cabeça do jovem justicado, e para logo a palidez da morte se espalha por seu rosto; todo seu corpo treme; dir-se-hia que o ferira o rajo. Ele reconhece sua mulher...

(Boston Magazine.)

MARIA.

Morria uma bella tarde; os raios do sol, que se escondia por detrás das montanhas, que cercam a vasta bahia do Rio de Janeiro, mal lançavam um esbranquiçado brilho; algumas pequenas e negras nuvens apareciam do lado do Oriente, e começavam a obumbrar o horizonte: uma molle e branda viração gemia por entre as folhas das arvores, que ornam os jardins de S. Domingos: e Maria, a melancolica Maria passava sósinha... e chorava!

Quem foi o barbáro, que magôou-lhe o coração?.. Quem o perfido, que ousou rasgar-lhe o seio d'alma?..

Ella chorava, e suas lagrimas, cahindo sobre a relva, que seus pés pisavam, pareciam dar-lhe nova vida; e seus suspiros, tão dolorosamente arrancados de seu peito, se confundiam com os tristes canticos da rôla, que ao longe echoavam.

Seus bellos e longos cabellos, tão pretos como o ebano, tão mimosos como o veludo, desordenadamente cahiam sobre seus hombros: no seu humido semblante reverberava a dôr e a magôa; nas suas roseas faces estava impressa terrível cór da desesperação... e ella era ainda tão moça, e depois era tão formosa!..

Uma esperança entretanto de inysterio e de encantos sustentava a bella donzella; talvez conhecesse ella, no meio do seu franto, no meio de suas angustias, que sua pátria não era a terra, e que um dia virá, dia feliz para ella, em que, desprendendo-se das prisões dos sentidos, reunir-se-ha com os entes queridos, que lhe roubára a morte: e esta esperança de uma nova e mais ditosa vida, esta ancia da eternidade e do infinito, que inventa a nossa imaginacão, rodeando-a de tão doces ideias, de tão lindos pensamentos, que nos precipita no seio

das dôres, para as aceitarmos como sacrifícios, que reclamam resignação e constância, que nos força a marchar sobre espinhos, acreditando pisar flores, esta esperança muito nos vale! . . .

Ela passou pelo espaço de uma hora; lançou seus bellos olhos com tanta candura sobre o que se oferecia á sua vista, que parecia suavisar tudo o que elles encontravam; observou a apparição das primeiras estrelas, que rutilavam no horizonte, neste tão puro, tão sublime céo da minha pátria, e depois de colher algumas rosas e alguns jasmim, retirou-se para o seu quarto.

Depois de acceder uma luz, recostada sobre seu leito, lançou mão de um livro, para esforçar-se a socegar; por meio da leitura, seu angustiado espirito: o livro intitulava-se — Paulo e Virginia — e era fruto de uma imaginação muito criadora de utopias e de extravagâncias; seu auctor tinha sido amigo íntimo de Napoleão, e passou seus dias em uma contínua metamorphose de praseres, dôres, climas e ideias, e chamava-se Bernardino de Saint-Pierre. Por accaso baixou Maria seus olhos sobre a pagina dos adeuses dos dous infelizes amantes: Paulo consternado, abatido e quasi sem vida cahindo nos braços de sua mae; e Virginia com uma constância celeste, saudando os prados, os rios, as arvores e os passaros, que haviam sido seus companheiros de infancia. . . .

— Oh! meu Deus! . . . Este livro contém a minha historia, e sua leitura, recordando-me dias tão venturosos, patenteia mais funebremente ainda a minha triste posição. Oh! mudemos de leitura! . . .

E tirou outro livro da estante, e abriu: Era a bella tragedia de Romeo e Julietta do sublime Shakspeare: esta tragedia é um magnifico hymno ao inexplicavel sentimento do amor, que eleva a alma humana a uma natureza immaterial; é uma melancholica elegia sobre a sua fragilidade, sobre a breve duração, que lhe outorga sua mesma essencia: é a apotheose, e ao mesmo tempo a funeraria pompa do amor. Tudo o que os perfumes da primavera tem de mais voluptuoso, tudo o que o cantico das aves tem de mais divino, de mais pathetico, de mais harmonico, tudo o que a rosa apenas desabrochada tem de mais candido e mais delicado, constitue a alma d'esta celeste poesia.

E ella começou a lér a scena da despedida de Róméo, que ao cantico do rouxinhol, deve arrancar-se aos braços da sua Julietta, e partir para Mantua.

— Sempre! Sempre a mesma cousa! Disse ella! — e fechou o livro, e deu azas ao seu pensamento. No momento, em que iam suas palpebras cerrando-se, em que o sonno parecia vir em seu socorro, perfumando-a com seu doce olphato, sentiu pisadas, abriu-se uma porta, e um homem entra dentro do seu quarto! . . .

— Ai! Misericordia! Grita ella. — Silencio, lhe diz elle, ou morres! — Malvado! — Eu te amo. — Deixa-me por piedade! — Nada deves temer da minha parte. — A esta hora, n'este logar... como não de-

vo teher a presença de um homem, que me persegue sempre, que se oppoem a meus passos, como a um remorso vivo, de um homem que eu despreso! — Mas que te ama, com todo o furor, que mit lagrimas verteu por ti, e que a desesperação condusio a este ponto. E i te perdo todo o mal, que me fiseste, todos os teus despresos, com tanto que consintas unir o teu destino ao meu, ligar a tua vida á minha! — Eu! nunca! — Nunca, si por bem não fôr, então a força... — A força! barbaro! E ignoras accaso, que tua esposa já não posso ser, que já te não posso dar meu coração e meu amor, por que já d'elles dispuz a prol de outro mais digno, mais honrado do que tu? — Infeliz, que dissesse! Tu a outro! e eu então?.. Eu, que por ti daria minha alma, venderia meu sangue, e commetteria os mais horriveis attentados! Oh! não, é impossivel! E's minha, serás minha! . . . — Tu me causas horror! — Horror! . . . Autes isso, já que não te posso merecer o amor! . . . Mais ao menos, elle de ti nao gozará tranquillo. . . . — E o monstro avança seus passos para ella, e quer... porém, com uma prestosa espantosa, Maria se approxima da janella, e com uma voz forte e descompassada, lhe diz — Si mais um passo avanças, eu me precipitarei d'esta janela. — N'este momento ouviram-se gritos, e rumor no quarto de Maria... correram seus irmãos, e os vizinhos a vér o que era, e encontraram algumas cadeiras cahidas, a janella que dava para o jardim aberta, e a infeliz donzella sem sentidos, deitada no leito! . . .

No dia seguinte levantou-se Maria tranquilamente; e ainda que suas faces mostrassem alguma palidez, como ella affirmou ter sido attacada por um terrivel sonho, de que ainda soffria, pessôa alguma da casa soube o que tinha acontecido, e se persuadiram todos, que um accesso de delirio lhe teria arrancado os sentidos n'aquelle noite.

Um mez se passou, e já nem se falava de tal acontecimento, quando se soube que Camillo, um dos habitantes mais ricos, e mais dados aos praseres, tinha sido assassinado, em uma noite, vindo da cidade de Nictheroy para S. Domingos, á uma hora, depois do baile da sociedade Praia-Grandeense.

Apenas chegou aos ouvidos de Maria a noticia de tal morte, ella mandou chamar um sacerdote, e cumprindo com os deveres, que lhe impunha a religião Catholica Apostolica Romana, lhe confessou, que se havia vingado de Camillo, que lhe tinha imprimido uma nodoa eterna: depois que a abençoou o sânto Sacerdote, ella lançou mão de uma porção de veneno, que já havia preparado, e misturando-o com agua, o sorveu todo.

Consta, que Eugenio, um dos mais elegantes moços, que nasceria n'esta provin- cia, e a quem ella tinha promettido a mão de esposo, voltando de Pariz, formado em Medicina, teve um grande pesar da morte d'aquelle, a quem pretendia unir-se, mas que como jovem e dotor, breve se con-

lara, e desposara uma bella viuva de 45 annos, que tinha muito dinheiro.

PEREIRA DA SILVA.

Collaboração do Gabinete.

A NOITE DO SANGUE.

ANEDOCTA DE 1836.

(Vid. n. 17.)

Uma sen. já octogenaria, e quasi-decrepita chega-se tambem para ella.

— Muito vos agradeço, sen., por vos terdes querido reunir aos parentes, e alliados de meu sobrinho o marquez de Morey, para servir de testemunha no seu contracto do casamento; tenho a honra de apresentar-vos sua noiva.

E uma sen. que estava ao pé della, a mais rica das moças do paiz inclinou-se para comprimental-a.

De uma roda de moços que se tinha reunido por traz de Luzia sahiram então mal-comprimidas risadas. Luzia virou-se e viu o cavalheiro d'Elbíne, o barão Eugenio d'Anglas, o conde Alberto de Mortemire, e todos quantos tao desdenhosamente haviam sido por ella tractados. Então dirigindo-se para o marquez de Morey, e surrindo-se com inesperada tranquillidade,

— E porque me não preveniste, respondeu-lhe, que em vossa casa havia tanta gente: julgava vir a uma pequena reunião de familia, e por isso me apresentei em trajes tão sem ceremonia... mas desculpae-me, minha assignatura nem por isso é má, nem por isso é menor vossa ventura.

E dando a mão ao marquez dirigiu-se para a meza em que estava o contracto.

— Sen., disse Olgar chegando á meza, hoje é a noite do contracto.

— Noite do contracto, e noite do sangue, respondeu-lhe Luzia em voz baixa: duas perfidias; sois habil mestre; quanto lastimo a sorte da futura marqueza.

E assignou sem tremer.

E voltando-se depois para o lado em que estavam os mancebos, cujos olhares ironicos nem um instante a haviam desamparado, dirigiu-se para o conde do Mortemire cuja physionomia parecia-lhe menos hostil, e mostrava-se mesmo algum tanto compadecida:

— Eu me retiro, sen., disse-lhe; o coche que M. de Morey poe á minha disposição hâde sem duvida estar-me ainda esperando: tereis a bondade de acompanhar-me até a escada? conto com vossa urbanidade.

Havia na voz de Luzia um não sei que tão mavioso, e tão supplicante que o conde Alberto nem um instante hesitou; lisonjeado dessa publica preferencia, deu-lhe pressuroso a mão, ambos sahiram da sala.

Luzia appressa os passos, que sentia que as forças a iam abandonando: nada mais via, nada mais ouvia: tudo lhe estava ex-